



Tecnologias, adultos e crianças na era da internet

Por Juan José Retamal

Quando se fala na irrupção que as tecnologias da informação tiveram nas novas gerações, não é raro que automaticamente alguém sinta a forma mais absoluta de repúdio. Parece que, entre os pais, existe uma concepção mais ou menos ambígua ou quase nula do papel que os dispositivos tecnológicos desempenham na vida de seus filhos e inclusive em suas próprias vidas. É comum ouvir discursos constantes como “Na sua idade eu brincava no parque” ou “Preocupo-me que esta criança fique fechada dentro de casa e sem amigos”.

Não existe uma avaliação absoluta ou uma análise prévia de como esses aparelhos podem influenciar no desenvolvimento e nas relações que as crianças terão com o ambiente, como elas serão beneficiadas ou prejudicadas pelos dispositivos, como sua relação consigo mesmas mudará ou até mesmo como deveria ser o uso dessa tecnologia. Não. Não existe uma análise definitiva e abrangente. **As pessoas compram aparelhos, não tecnologia.**

Quando os pais enfrentam a decisão de adquirir um dispositivo, seja um smartphone, um computador ou um console de videogame,



Juan José Retamal é publicitário, formado em Periodismo Digital, e CEO da Moletrack, Diretor Estratégico do Observatorio Iberoamericano de Comunicación Digital.



não percebem que, na maioria dos casos, estão presenteando seus filhos com um “aparato” que, além de tudo o que vem na caixa e as funções descritas nas instruções, também inclui uma porta invisível para um mundo desconhecido, uma nova dimensão, completamente diferente da qual estamos acostumados. E quando nos damos conta que algo estranho está acontecendo, começam os conflitos.

Por que isso acontece?

É muito estranho o modo como os seres humanos agem nesse sentido. Compramos e entregamos esses aparelhos e deixamos que as crianças os explorem, descubram, vivam e se apropriem deles como se fossem uma bicicleta ou um par de patins. Deixamos tacitamente esse pequeno objeto irromper em nossas famílias e, de alguma forma, mudar a forma como nos relacionamos com nossos filhos. Somos ausentes testemunhas de uma metamorfose comportamental e não nos atrevemos a fazer nada porque simplesmente nem sempre entendemos o que está acontecendo, porque não aplicamos normas de uso desde o começo, porque não acompanhamos nossos filhos nessa descoberta ou porque simplesmente não assumimos a responsabilidade por fomentar o bom uso dessas tecnologias, e nos transformamos em pais invisíveis diante de nossos filhos, que se fazem gigantes nessa nova dimensão.

O temor ao desconhecido é um grande inibidor das responsabilidades. Para fazer uma comparação grosseira, isso é muito semelhante a dar um carro de presente a alguém que não sabe dirigir. Vocês deixariam seus filhos aprenderem a dirigir um automóvel sem supervisão, de maneira instintiva, descobrindo o uso conforme o clássico método de tentativa e erro? Acho que este exemplo nos deveria trazer uma profunda reflexão.

Entender para melhorar

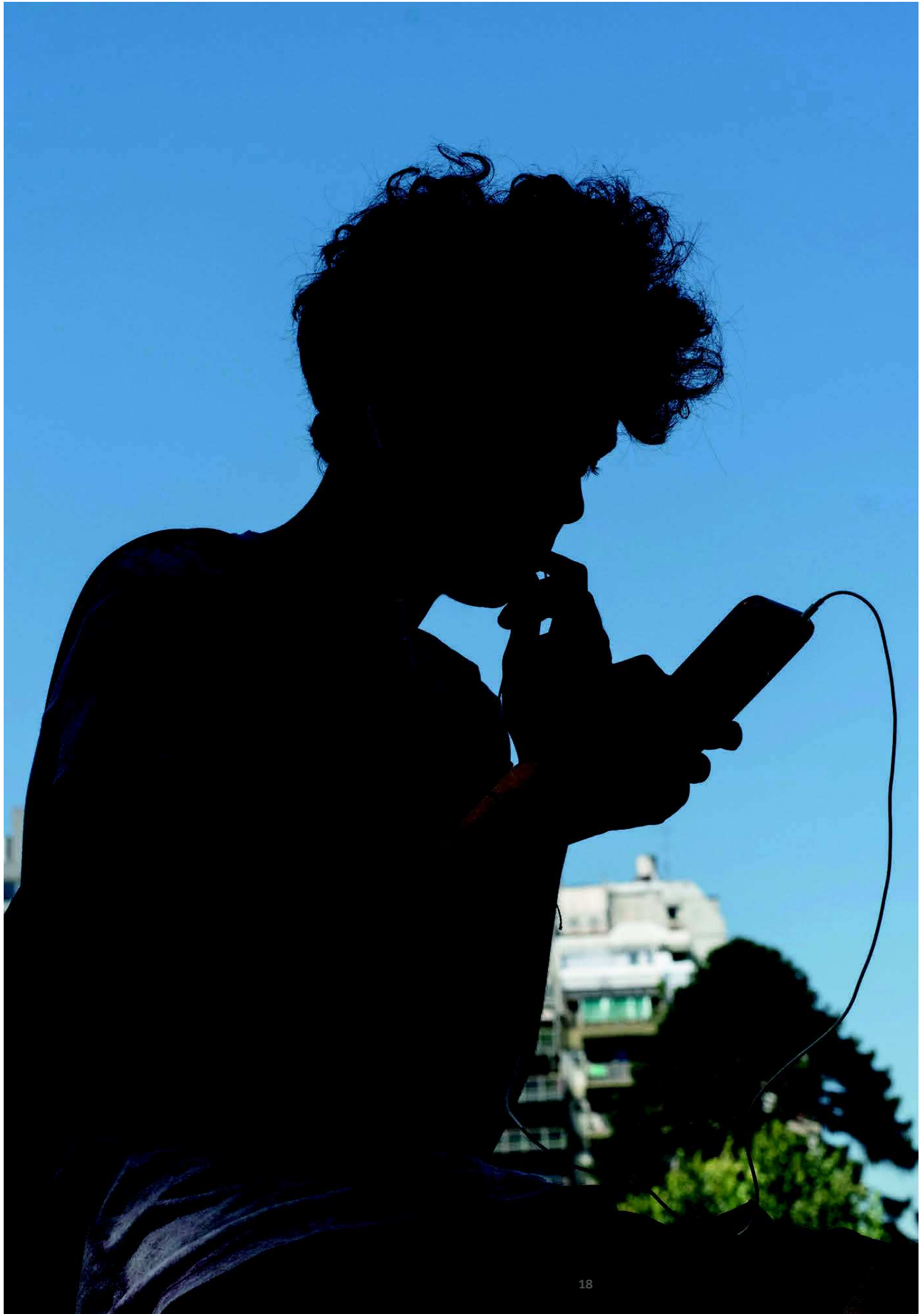
A tecnologia por si só não é boa ou ruim; seu potencial está no uso que damos a ela. Mas, o que é a tecnologia por si só? Costuma-se confundir a tecnologia com o objeto tecnológico, e aí está grande parte do problema. Porque tecnologia é uma ciência que estuda a técnica, e isso implica que seu objeto de estudo são as habilidades humanas e as limitações naturais das pessoas para que, por meio de “objetos tecnológicos” se possa solucionar um problema e potencializar suas capacidades.

Entendendo isso, os objetos tecnológicos ou dispositivos se transformam em potencializadores das capacidades humanas ou em solucionadores de problemas. Em outras palavras, a tecnologia não é o problema, mas sim como ela é usada. Se logo na infância os smartphones e tablets são usados para entreter um bebê que está manhoso ou, quando maiores, esses aparelhos se transformam em objeto de prêmio ou castigo por condutas “rebeldes” de nossos filhos, o problema passa a ser nossa concepção do objeto tecnológico.

Como enfrentar essa tecnotransformação?

Para entender o verdadeiro papel da tecnologia é preciso olhar para seu lado positivo e vantajoso. Embora possa soar repetitivo, a tecnologia é benévola, adaptável e nunca pode ser predefinida por um único

“...Quando os pais enfrentam a decisão de adquirir um dispositivo, não percebem que, na maioria dos casos, estão presenteando seus filhos com um “aparato” que também inclui uma porta invisível para um mundo desconhecido...”



uso. Em outras palavras, nós a usamos como achamos que se deve usar ou como nos ensinaram a usá-la. Isso é estranho, pois nos limitamos ao que sabemos fazer, o que gera um forte paradoxo porque limitamos o uso de um aparelho à experiência anterior que tivemos com ele ou com seu antecessor. Por exemplo, um dispositivo móvel para nossos pais é um telefone celular, para nós é uma agenda e para nossos filhos, um multiterminal complexo de relações interpessoais. É aí que se abre uma grande oportunidade para podermos nos aproximar de nossos filhos nessa aventura de descobrimento. É muito simples. As crianças vão crescendo e se adaptando rapidamente ao uso da tecnologia. Podemos aprender com elas, e elas aprendem a confiar em nós. Se você, como pai, se relaciona desde o início com seu filho, por exemplo, em uma rede social, ele se acostumará que você está ali. E, inclusive, se olharmos para o lado positivo do algoritmo, você passa a fazer parte do ambiente digital dele.

Aqui, existe algo fundamental que você deve saber: esse usuário e avatar que representa seu filho é, precisamente, seu filho. Embora essa recomendação possa parecer estranha, é preciso entender que uma pessoa é a mesma em seu ambiente físico e em seu habitat virtual, mas são contextos e ambientes distintos e, portanto, comportamentos distintos. Uma criança pode explorar diferentes aspectos de sua personalidade de acordo com o grupo de pessoas com as quais ela interage. No colégio, ela tem um tipo de desenvolvimento, em casa tem outro, e com seus amigos, outro. Mas ela continua a ser a mesma.

Dado o que foi dito anteriormente, a relação com nossos filhos deve ser igual em ambos os hemisférios. Devemos concebê-los como um todo, sem deixar que a ansiedade nos prejudique, entender os contextos e respeitar sua privacidade. Devemos ter critérios e pensar que, nessa idade, uma criança está começando a gerar sua estrutura comunitária e a estabelecer seus grupos de relacionamento. Pois na vida analógica e na vida digital as condutas são semelhantes. Em outras palavras, por mais inofensivo que pareça, curtir tudo o que seu filho publica no Facebook, por exemplo, pode ser um pouco invasivo e gerar certo incômodo na criança. É melhor fazer esses reconhecimentos positivos diretamente a eles, ao vivo e em pessoa. Pense que, hierarquicamente, os afetos são mais significativos presencialmente do que à distância. Cabe ressaltar que, dentro das políticas do Facebook, só se admitem crianças a partir de 13 anos; uma bela idade cheia de mudanças.

Outro aspecto importante a se considerar é estar presente desde o início nesse novo mundo e começar com eles nesse processo. Assim, pais e filhos vão descobrindo juntos essa nova dimensão e se dão conta de que podem conviver nesse ecossistema, ir se adaptando gradualmente e aprendendo juntos os benefícios desse novo ambiente. Nesse momento, o pai pode guiar e estabelecer as normas de uso, ensinar, aconselhar e proteger, advertir que de todos os lados existem coisas boas e coisas ruins, e que a internet nos oferece grandes possibilidades de entretenimento, aprendizagem e conexão com os outros. Este processo pode ser muito significativo se feito de forma natural, onde você é incluído no processo e passa a fazer parte desse mundo. Mas se você for um pai digitalmente ausente, não ache que de uma hora para outra seu filho verá como natural seu convite para se conectar. É incômodo e um pouco estranho porque seu filho, tacitamen-

te apoiado por você, já estabeleceu que o relacionamento entre vocês acontece fora da rede. Porque ele já construiu suas normas de maneira autônoma, estabeleceu seus focos relacionais, determinou o uso e descobriu segundo sua própria experiência os benefícios da rede e, por mais difícil que pareça, você não estava lá.

A internet e o novo mundo

No início do novo século, foram estabelecidos certos paradigmas a respeito do que a internet representa. Existe um conhecimento geral da tecnologia e das possibilidades que essa tecnologia nos oferece, transformando-se em um serviço de uso geral básico, no mesmo nível da luz e da água. Ninguém que tem essa possibilidade concebe sua vida sem a internet. Ela se transformou em um grande facilitador de entretenimento, comunicação, educação, comércio, relações humanas e familiares. Ela substitui as formas lineares e diretas por algoritmos que possibilitam as relações na rede. Em outras palavras, passamos de ter relações um a um para termos relações de um para muitos simultaneamente. Essa simples mudança paradigmática supõe uma série de processos que nós, como agentes de uma geração diferente, não entendemos. São estimuladas novas habilidades, por exemplo, o *multitasking*, que é uma capacidade potencializada pelo uso da tecnologia. Hoje, as novas gerações podem fazer mais de uma coisa por vez. Essa brecha foi gerada porque, para nós, a internet implica em uma mudança. Estávamos acostumados a um tipo de relação mais direta, mais pessoal, mais face a face. No entanto, essa nova “festa” supõe diversos relacionamentos, conexões abertas, acesso

ilimitado, mundos sem fronteiras para nossos filhos... e nem sempre foi assim. Isso nos obriga a entender a mudança, pois as regras mudaram apenas para nós, mas não para eles. Volto a ressaltar que essa mudança não é boa nem ruim. É preciso aceitá-la e aprender a conviver com ela.

O que esse novo paradigma envolve

Vemos a internet como um site que armazena as coisas, que acessamos quando precisamos resolver alguns problemas e do qual saímos quando os solucionamos. Confundimos a internet com a web. Nós a concebemos como um navegador onde posso procurar e encontrar. No entanto, se olharmos mais além, veremos que a internet é muito mais que isso. É, em termos simples, uma porta para outra dimensão. Para outro mundo. Para o virtual que nos cerca. Esse é o aspecto mais complexo de entender, pois “o que é virtual?” tende a ser definido como o contrário do real. Isso não é certo. O virtual existe, faz parte de nosso universo, de nossas vidas, mas é uma dimensão diferente da física que conhecemos.

Pierre Levy, professor e filósofo tunisiano, atualmente professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Ottawa, define o virtual como uma realidade que subexiste com a atual em três dimensões: a atual, a real e a possível. Isso significa que existe uma potencialidade virtual em tudo o que fazemos e podemos fazer; a questão é “Onde?”. Em termos simples, o virtual não está aqui, ele existe. É latente, não explícito e invisível.

Por outro lado, o atual se manifesta em um acontecimento, se faz presente por meio de uma ação. Ir ao banco supõe solucionar problemas financeiros em um es-

paço virtual a partir de um dispositivo tecnológico por meio de um aplicativo. O possível é aquilo o que deveria chegar a ser, é o que é potencialmente representado pelas coisas. Uma criança potencialmente será um homem no futuro.

Com essa definição, interpretamos que o virtual é uma projeção da existência em uma dimensão diferente da presente. Isso supõe que existem portas interdimensionais que nos levam a esses espaços. O digital e a internet oferecem um tipo de virtualidade, mas ela não é única. A espiritualidade, o conhecimento em si mesmo também são ambientes virtuais. A questão fundamental é que nossos filhos transitam constantemente pelas diferentes dimensões, tornando os portais completamente invisíveis, indo e vindo conforme a necessidade. O que eles resolvem em seu mundo não tem a concepção de tempo e espaço tradicional. Nós observamos a interface e entramos e saímos, tornando evidente que, em termos espaciais, vamos a um lugar diferente. Essa é uma característica mais da virtualidade como processo. A internet reescreve a concepção analógica de tempo e espaço, permite ir e vir em processos de percepção e projeção do ser humano completamente ilimitado e multiespacial. Vou a uma reunião pelo *Skype* e trago o DJ de minha festa pelo *YouTube*, por exemplo.

Então devemos compreender que nossos filhos não estão sozinhos em seus quartos; eles podem estar jogando e se relacionando com amigos do mundo todo, em uma sala neutra que não é concebida deste lado da realidade. Isso pode parecer muito perigoso; estar em contato com várias pessoas que não conhecem os deixa mais vulneráveis? Provavelmente. No entanto, a internet não tem nada a ver com isso. Como indicamos anteriormente, uma criança está vulnerável tanto em seu ambiente físico como virtual. Em outras palavras, uma criança que tenha crescido com uma sólida base de confiança, respeito e amor equivale a pais virtualmente mais presentes e filhos mais criteriosos.

Em nosso papel como pais, temos a obrigação de estabelecer mecanismos de controle e supervisão. A melhor ferramenta para exercer esse papel é desde o início estabelecer uma conta de correio eletrônico do *Gmail* que possa ser usada por você como conta de assinatura para as plataformas de interação usadas por seu filho. Todos os sistemas que se conectam à internet, sejam redes sociais, sistemas de entretenimento, como *Netflix*, sistemas operacionais de notebooks e smartphones ou consoles de videogame, exigem uma conta de e-mail. A essa conta chegam, sistematicamente, alertas de todo tipo: instalação de novos aplicativos, solicitações de amizade, atividades, registro de navegação, compras etc. Desse modo, podemos ter pleno controle e supervisionar a atividade de nossos filhos neste mundo. Na maioria dos casos, haverá excelentes surpresas pelas condutas de nossos filhos. Veremos, satisfeitos, que nossos filhos consomem um conteúdo muito próximo de sua personalidade e idade. Mas também para aqueles que não conhecem muito bem o gosto de seus filhos, essa é uma boa forma de conhecê-los.

De fato, a conduta das “tecnocranças” deve ser muito semelhante em seus dois hemisférios: o físico e o virtual. Se nesse monitoramento você observar diferenças significativas entre esses dois mundos, será preciso intervir. Por exemplo, uma menina que eu seu quarto se comporte e tenha um ambiente rosa do tipo princesa e em sua con-



duta de consumo da Netflix, por exemplo, assista a muitos filmes de terror pode indicar que algo estranho está acontecendo. As incoerências, representadas nesse exemplo, são sinais de que algo está acontecendo. Mas devemos ser prudentes, não tomar decisões impulsivas, investigar o que está acontecendo, documentar e agir com convicção. Devemos nos lembrar de que as crianças são influenciáveis e, nesse processo, a mutação se produz aqui e lá.

Concluindo, a tecnologia facilita a virtualização humana e entendendo-a assim, abrimos caminhos para poder nos relacionar em um ambiente complementar (e não suplementar) a sua vida. A criança não vê a tecnologia como um aparelho; ela a vê como parte de sua vida. Entende que são interfaces que lhe permitem desenvolver seu potencial em uma dimensão lúdica que está ao alcance, onde pode aprender e apreender, onde pode potencializar sua faceta cognitiva baseada na autoaprendizagem e no “sob demanda”. A criança entende que a internet é benéfica, significativa, serve para entretenimento, jogos, relacionamentos e estudos. Um indicativo disso é que eles preferem perder a televisão ao acesso à rede.

Por fim, a criança sabe que a internet serve para estar perto, estabelecer e transitar por mundos distintos sem problemas de fronteiras e limitações, que ela pode se juntar aos amigos e se relacionar com eles nesse novo espaço. Se você, como pai, será um deles é uma decisão que está completamente em suas mãos.

“ ...Esse usuário e avatar que representa seu filho é, precisamente, seu filho. Embora essa recomendação possa parecer estranha, é preciso entender que uma pessoa é a mesma em seu ambiente físico e em seu habitat virtual...”

Alguns conselhos a se pensar quando se decide dar um dispositivo tecnológico a uma criança pela primeira vez

- Estabeleça convenções de uso tecnológico. As crianças respeitarão as normas se elas estiverem claras desde o início.
- Entenda que uma pessoa deve ter o mesmo comportamento no ambiente real e no virtual.
- Seja presente. É fundamental que, nesse processo, você esteja junto à criança logo no início. Isso é benéfico para ambos. Depois, pode ser tarde demais.
- Acompanhe seu filho pela descoberta da tecnologia. É um momento de guiar, ensinar, compreender e promover uma relação afetiva.
- Crie uma conta de Gmail que seja usada para todos os perfis de seu filho. Essa conta será um mecanismo de monitoramento, aprendizagem e controle das atividades que ele realiza.
- Saiba que a internet não é culpada. Seja autocrítico e perceba que os problemas que seu filho tiver não foram causados pela internet. Se seu processo de criação tiver sido eficaz, não deve haver problemas.
- Facilite, não substitua. Entregue ferramentas que ele possa desenvolver por si mesmo, tanto aqui como lá.
- Entenda os contextos. Existem instâncias para interagir com eles. Não devemos nos transformar em pais “perseguidores”.
- Devemos entender o virtual e a capacidade de resolver problemas reais em outra dimensão, entendendo que o lado positivo do virtual tem a mesma raiz da virtude.

Por fim, seja um bom pai e uma boa mãe tanto aqui como lá.